

O ameaçado Cerrado goiano

O que assistimos é fruto de uma conduta modelada na dinâmica da exploração

Fabiula Sevilha de Souza

A região do atual Estado de Goiás abriga uma das maiores porções nucleares contínuas de Cerrado do Brasil e também uma das mais ameaçadas de extinção. Geógrafos, biólogos e demais estudiosos dedicados ao tema costumam fazer coincidir essa degradação com a expansão da lavoura de soja e o adensamento populacional, a partir da década de 1970. No entanto, uma maior compreensão acerca da conduta e da postura da sociedade com relação a esse bioma obriga-nos a um recuo no tempo, isto é, a percorrer, em perspectiva histórica, a trajetória de exploração e ocupação do que hoje conhecemos como Cerrado goiano.

Estima-se que a sua ocupação iniciou-se há 11 mil anos, com as populações da Tradição Itaparica, nômades caçadores e coletores, e, posteriormente, as do grupo Jê — que, além da caça e da coleta, praticavam uma espécie de agricultura itinerante. Foram eles os pioneiros na modificação do ambiente natural cerratense. Mas, foi somente no século XVIII, com a incursão dos europeus, que essa transformação foi acelerada e se consagrou.

O ponto de partida foi o descobrimento da primeira mina aurífera, em 1726. A ocupação do território, acompanhando a descoberta das minas, foi anárquica. Primeiramente, devido aos aspectos geográficos, às grandes extensões de relevo plano, seguidas de composições rochosas, a que correspondiam minas auríferas dispersas. E, em segundo lugar, por conta dos contornos político-econômicos. A extração do ouro em profundidades cada vez maiores exigia técnicas especializadas, que a dinâmica própria ao sistema colonial, pautado na lucratividade imediata ou a curto prazo, não podia oferecer. Tão logo apresentavam os primeiros sinais de esgotamento, os mineradores migravam para as lavras vizinhas, ao que se sucedia a apropriação de terras próximas. O legado do apogeu da mineração foi, pois, uma estrutura ocupacional desarticulada e errática, e o apossamento irregular de áreas anexas às minas.

O impulso para a exploração sistemática e intensiva do Cerrado goiano viria, porém, com a agricultura, e sobretudo a pecuária, a princípio destinadas à subsistência, e, a partir de meados do século XIX, à exportação, facilitada pela chegada da ferrovia. Plantava-se basicamente milho, mandioca, abóbora e arroz. Já a expansão dos rebanhos foi gradual e não tardou a acontecer. Fator determinante foi a disponibilidade de terras. Sem a presença dos cercados de arame, inexistentes no período, o gado era criado solto pelas pastagens, na modalidade extensiva.

Tanto na agricultura quanto na pecuária, a queimada e a derrubada de árvores para o estabelecimento de roças e pastagens eram a regra, uma herança das práticas indígenas somadas àquelas introduzidas pelos europeus, um reflexo das características territoriais e ocupacionais, e um sintoma da dinâmica colonial. Os impactos dessas técnicas eram ainda agravados pela natureza ácida do solo, de modo que, por vezes, não demorava uma geração para que este se tornasse infértil. As atividades agropecuárias consolidaram os vazios demográficos e uma estrutura fundiária de glebas imensas sob domínio de uma mesma família.

Este artigo está disponível na íntegra no “Debate Acadêmico” do Portal Unesp, no endereço <<http://www.unesp.br/aci/debate/290410-fabiulasevilhadesouza.php>>.

Este texto não reflete necessariamente a opinião do Jornal Unesp.



Daniel Petire

[...]

Por um lado, a formação de grandes latifúndios destinados à atividade pastoril desgasta a terra — que necessita de certa rotatividade e descanso para a recomposição de seus nutrientes —, sendo contraproducente e exigindo extensões de terras cada vez maiores para compensar as que eram sucessivamente tornadas estéreis pelo pisoteio do gado e pelas queimadas. Por outro, e diretamente ligada à anterior, a vastidão do território falseava a ideia de natureza infindável, inesgotável. Se o terreno de hoje se desgastava, migrava-se para o seguinte, uma vez que havia terra disponível para tal, como que num ciclo vicioso.

O que assistimos atualmente, com o avanço desordenado da fronteira agrícola pela expansão da pecuária de exportação e do plantio de soja e milho sobre o bioma, ameaçando-o de extinção, é fruto de uma postura e de uma conduta frente à

natureza modeladas muito antes da expansão rural contemporânea, na dinâmica de apropriação, exploração e ocupação do Cerrado. As raízes encontram-se no que Caio Prado Jr. chamou “sentido da colonização”, que consiste num processo produtivo estruturado com vistas ao mercado externo. Guardadas as proporções cabíveis a cada momento histórico, ontem como hoje, o processo guia-se por uma lógica utilitária, perdulária e predatória.

Fabiula Sevilha de Souza, licenciada e mestranda em História pela Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, campus de Assis, é pesquisadora integrante do Laboratório de História e Meio Ambiente na mesma instituição e do Grupo de Pesquisa Cidades Sustentáveis: história e política (CNPq).